1° Ômicron (25/12/2021–19/03/2022), 2° Ômicron (09/04/2022–30/08/2022) e 3° Ômicron (22/10/2022–20/01/2023). Os casos de infecções de escape foram pareados, por sexo e idade, aleatoriamente com controles na relação 1:2. Os controles foram definidos como PS com ausência de infecção pelo SARS-CoV-2 na onda avaliada. Os preditores de proteção para COVID-19 foram analisados usando o modelo de regressão logística, incluindo as seguintes variáveis independentes: número de doses da vacina, intervalo da última dose até a data da infecção, último tipo de imunizante administrado e intervalo da infecção prévia até a data da infecção atual.

Resultados: Um total de 3972 PS foram incluídos, 79% do sexo feminino, com idade mediana de 44 anos. A vacinação primária foi principalmente (98%) com CoronaVac e 90% receberam pelo menos uma dose de reforço antes do início da era Ômicron, principalmente BNT162b2 (86%). Houve 1491 casos pareados de COVID-19 no período total do estudo e 1255 casos na era Ômicron. Na análise do período total do estudo, foi evidenciado efeito protetor de COVID-19 prévio, em comparação a não ter tido previamente, nos últimos 6 meses (OR = 0.24 [p < 0.001]), 6-12 meses (OR = 0,75 [p = 0.04]) e >12 meses (OR = 0,75[p = 0.001]); e proteção de ter recebido a última dose vacinal nos últimos 6 meses em comparação a 6-12 meses (OR = 1,19 [p = 0.01]) e >12 meses (OR = 1,29 [p = 0.10]). Não foi evidenciado efeito protetor do número de doses de reforço da vacina. Adicionalmente, na era Ômicron, houve menor proteção após dose de reforço da CoronaVac (OR = 1,42 [p = 0.04]) em comparação a BNT162b2.

Conclusão: Demonstramos que a proteção conferida por imunidade vacinal ou natural contra SARS-CoV-2 tem redução substancial após 6 meses. Adicionalmente, a dose de reforço vacinal utilizando a CoronaVac apresentou menor proteção em comparação a BNT162b2.

Palavras-chave: COVID-19 Variantes de preocupação Dose de reforço SARS-CoV-2 reinfecção

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102942

PREMATURIDADE EM GESTANTES COM COVID-19

Jamile Carvalho Andrade*, Geisy Menezes Nascimento

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE, Brasil

Introdução: Em dezembro, do ano 2019, foram notificados os primeiros casos de infecção pelo novo coronavírus, da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2), com epicentro na cidade de Wuhan, na China. Devido ao fato de ser uma doença com significativa facilidade de propagação e transmissão sustentada, a COVID-19 apresentou-se como um dos maiores riscos para a saúde pública mundial. As alterações fisiológicas adaptativas que ocorrem durante a gestação tornam as grávidas particularmente suscetíveis à infecção por agentes patogênicos respiratórios e ao desenvolvimento de doenças graves.

Objetivo: Analisar a prematuridade em gestantes com COVID -19.

Método e materiais: Trata-se de uma revisão sistemática com metanálise. Foram realizadas buscas nas bases de dados Scielo, Google Acadêmico, Pubmed e Cochrane Library, com isso, os termos utilizados foram: prematuridade and COVID-19 and gestantes; em junho de 2023. Dessa forma, selecionou-se artigos dos anos de 2019 a 2023 nas línguas inglesa, portuguesa e espanhola.

Resultados: Após os critérios de inclusão, dois trabalhos foram incluídos, totalizando a análise de 696 mulheres, das quais 158 foram diagnosticadas com COVID-19. Dessas, 19,6% tiveram partos prematuros. Enquanto isso, nas pacientes sem a doença essa taxa de prematuridade foi de 10,2%. Ou seja, a taxa de partos prematuros foi 9,4% maior naquelas mulheres infectadas pelo COVID-19 em relação com as gestantes sem a doença.

Conclusão: A metanálise evidenciou uma correlação entre a prematuridade e a infecção pelo Covid-19.

Palavras-chave: Prematuridade COVID-19 Gestantes

Referências:

Vellas C, Delobel P, de Souto Barreto P, Izopet J. COVID-19, Virology and Geroscience: A Perspective. J Nutr Health Aging. 2020;24:685-91. doi: 10.1007/s12603-020-1416-2. Acesso em: 26 jun 2023.

Vielma OS, López AM, Bustos VJC, Assar R, Valdés PF. Parto prematuro en pacientes COVID-19 en Hospital San Juan de Dios. Rev Chil Obstet Ginecol. 2020;85(supl. 1):S59-S66.

Yan J, Guo J, Fan C, Juan J, Yu X, Li J, et al. Coronavirus disease 2019 in pregnant women: a report bases no 116 cases. Am J Obstet Gynecol. 2020; 223: 111.e1-111.e14. doi: 10.1016/j.ajog.2020.04.014. Acesso em: 10 julho, 2023.

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102943

PROJETO CURUMIM E HESITAÇÃO VACINAL COM VACINAS CONTRA COVID-19 EM UMA COORTE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Carolina Strauss Estevez[a,*], Kellen Christine Brites Gonçalves[a], Ana Paula Castello de Lima[a], Bruno Borges Zanoni[a], Vinícius de Pádua Sanders Medeiros[a], Paula dos Santos Athayde[a], Andréa Teixeira de Carvalho[a], Matias Lima Ferreira Costa[a], Olindo Assis Martins Filho[b], Pâmela de Souza Freire[c], Lucas Brumatti Setubal[c], Ana Paula Neves Burian[c], Valéria Valim Cristo[a]

[a] *Hospital Universitário Cassiano Antonio Moraes (HUCAM), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil;*
[b] *Instituto René Rachou (IRR), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz-Minas), Belo Horizonte, MG, Brasil;*
[c] *Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil*

Introdução/Objetivo: O Projeto Curumim é um estudo de não inferioridade, sobre eficácia, imunogenicidade e segurança da vacina inativada (Coronavac) contra SARS-CoV-2, em crianças e adolescentes de 3 a 17 anos, comparado a vacina BNT162b2 (Pfizer), com um braço randomizado e um

braço aberto (sem cegamento, administrando Coronavac). O braço aberto surgiu da demanda de pais que, desconfortáveis em vacinar as crianças com a Pfizer, optaram pela Coronavac, plataforma vacinal com vírus inativado, mais conhecida. O objetivo deste trabalho é divulgar a hesitação vacinal que ocorreu entre familiares de uma coorte de crianças e adolescentes, com a vacina contra COVID-19.

Métodos: Os participantes (5-17 anos) do braço randomizado foram divididos em dois grupos (2:1) e receberam vacina Coronavac/Butantan ou BNT162b2 (Pfizer). Os participantes do braço aberto receberam apenas a Coronavac. Foram aplicadas 2 doses dos imunizantes, com intervalo de 28 dias. Este estudo está registrado no ClinicalTrials.gov NCT05225285.

Resultados: Foram incluídos 1125 participantes de 3 a 17 anos. Destes, 460 maiores de 5 anos de idade, elegíveis para a randomização, entretanto, 119 (25%) optaram pelo braço aberto, para receber a vacina Coronavac, por uma recusa dos familiares a vacina BNT162B2 (Pfizer). Hesitação vacinal é o atraso ou recusa em aceitar as vacinas recomendadas, quando elas estão disponíveis nos serviços de saúde. O Programa Nacional de Imunização (PNI) do Brasil é um modelo exitoso por fornecer ampla quantidade de vacinas forma gratuita a população, mas desde 2016 vem enfrentando quedas nas suas coberturas. A divulgação de notícias falsas sobre as vacinas contra COVID-19 causou uma desconfiança na população, especialmente referente às novas plataformas de imunização, como as vacinas de RNAm. Esse fenômeno causou uma quebra da confiança da população, causando inclusive queda nas taxas de vacinação de outras doenças imunopreviníveis. A cobertura vacinal contra COVID-19 em crianças no Brasil ainda é baixa e movimentos contrários a falsas notícias sobre vacinas são necessários, para melhor adesão à vacinação.

Conclusão: Nesta coorte, houve uma recusa em receber a vacina da Pfizer em 25% das famílias dos participantes maiores de 5 anos de idade. É de extrema importância conhecer o fenômeno de hesitação vacinal, para que sociedades médicas, pesquisadores e gestores se mobilizem em busca de maiores coberturas vacinais contra COVID-19 e outras doenças imunopreviníveis.

Palavras-chave: Hesitação vacinal Covid-19 Crianças

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102944

QUANTIFICAÇÃO DO ÍNDICE DE ANTICORPOS IGG CONTRA SARS-COV-2 VERSUS DOSES DE VACINAÇÃO EM PACIENTES COM SÍNDROME PÓS-COVID-19, ATENDIDOS EM UMA UNIDADE DE REFERÊNCIA NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM, PARÁ, NORTE DO BRASIL

Evelen da Cruz Coelho*, Luana Wanessa Cruz Almeida,
Pamela de Oliveira Batista, Andrio Silva da Silva,
Amanda Caricio Gomes,
Kárila Larissa Pereira de Oliveira,
Jairisson Augusto Santa Brigida Vasconcelos,
Manuella Gonçalves Farinha,
Joseane Rodrigues da Silva,
Rosana Maria Feio Libonati Bebiano,
Regiane Miranda Arnund Sampaio,
Nagib Ponteira Abdon, Luisa Caricio Martins

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

Introdução/Objetivo: A duração da imunidade pós-infecção pelo SARS-CoV-2 e pós-vacinação permanece uma questão não completamente esclarecida. A presença de anticorpos, assim como a sua quantidade e funcionalidade, tem grande influência no controle da infecção viral no hospedeiro, podendo diminuir o curso, a sintomatologia e as sequelas da doença. Desta forma, este trabalho tem como objetivo avaliar a resposta de anticorpos SARS-CoV-2 específicos em pacientes com Síndrome Pós-COVID-19.

Métodos: Participaram do estudo 200 pacientes diagnosticados com Síndrome Pós-COVID-19 atendidos no Núcleo de Medicina Tropical da UFPA, no período de dezembro de 2021 a junho de 2022. Esses foram agrupados conforme o número de vacinas que haviam recebidos. Para pesquisa e quantificação dos anticorpos IgG SPIKE e proteína do nucleocapsídio (N) do SARS-CoV-2, foi realizado ensaio imunoenzimático (Vircell, Microbiologists, Espanha). Para análise estatística foi utilizado o teste ANOVA e a inferência estatística foi realizada no software GraphPad Prism 6.0.

Resultados: Em relação à imunização, entre os 200 pacientes, apenas 2 (1%) não foram imunizados com nenhuma dose da vacina contra a COVID-19, 3 (1,5%) dos pacientes receberam a 1ª dose da vacina, 54 (27%) receberam a 2ª dose do imunizante, enquanto 130 (65%) receberam o reforço com a 3ª dose e apenas 11 (5,5%) receberam o reforço da 4ª dose. Quanto a presença de anticorpos IgG para SARS-CoV-2, todos os 200 participantes apresentaram. Houve diferença estatística significativa no índice de anticorpos segundo o número de doses tomadas ($p = 0.0122$), onde os não vacinados, apresentaram média de índice de anticorpos de 18,5 UI/mL, os que tomaram somente uma dose do imunizante, a média de anticorpos foi de 26,8 UI/mL. Os que tomaram duas doses da vacina, a média de anticorpos foi de 31,83 UI/mL. Os participantes que receberam a 3ª dose a média de anticorpos foi de 32,3 UI/mL. Enquanto os que receberam a 4ª dose, a média de anticorpos foi de 32,5 UI/mL.

Conclusão: Os achados quanto a prevalência de anticorpos IgG, mostram que todos os 200 pacientes do estudo produziram anticorpos IgG, e a média do índice de anticorpos aumentou após esquema vacinal contra COVID-19 da 1ª e 2ª dose, e partir da 3ª e 4ª dose (reforços) a quantidade de anticorpos se estabilizou, supondo, que possivelmente não tenha havido redução nos níveis desses anticorpos devido a renovação das doses de vacina recebidas.

Palavras-chave: Síndrome Pós-COVID-19 Imunização Belém

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102945